

Aula 19/09/2016

Escola de Sociologia Francesa

ESF teve vida efêmera: 1968-1975.

Topalov (sociólogo que foi membro do Centro de Sociologia urbana CNRS) faz seu balanço em 87 (in Espaço e Debates n.23)

Situação de crise de um campo de estudos:

- O objeto se dissipa;
- as instituições se esfacelam;
- os conceitos se esgotam.

Mas a presença da escola permanece (flutua, imerge e ressurge) a ponto de até hoje muito do pensamento e dos debates sobre o processo urbano no terceiro mundo terem sua marca. Uma delas, destacada, a de Harvey – (embora não sociólogo nem francês), pode ser vinculado à escola por sua proximidade com Lefebvre (Justiça, justiça espacial...).

Ou seja: a escola não pode ser esquecida> tem que ser discutida.

Organização:

19 de setembro

- Apontamentos sobre contexto e referências bibliográficas;
- sugestão de leituras.

26 de setembro

- Debate sobre leituras indicadas;
- Sistematização das contribuições.

Apontamentos sobre o campo teórico em que surgiu a ESF:

Tese de Nestor Goulart Reis Filho: *Urbanização e Teoria* – tese para o provimento da cátedra História da Arquitetura II da FAUUSP, em 1967: Índice

Introdução

- I. Antecedentes históricos
- II. Teorias sobre aspectos restritos da Urbanização
- III. Teorias com visão de conjunto dos aspectos sociais da urbanização
- IV. Teorias com visão de conjunto dos aspectos espaciais da urbanização durante a primeira metade do século XX
- V. A renovação dos estudos urbanísticos e arquitetônicos no terceiro quartel do século XX

- Observar o estágio dos estudos contraposto ao gigantesco movimento de transformação representada pelo processo de urbanização em escala mundial (ainda que com variações locais notáveis de um Estado nacional a outro).

- Observar a permanência do foco no artefato urbano – o objeto a ser decifrado.

- Ressaltar a segmentação dos enfoques (do espacial ao social, com a economia comparecendo sobretudo como 'industrialização' : introdução, com referências a Voltaire : a cidade como campo da racionalidade espacial e social, e a Adam Smith entendendo a cidade como origem do progresso e da riqueza das nações.

Nota sobre a interpretação da urbanização dentro do movimento do desenvolvimento capitalista; da formação dos Estados nacionais; do espaço nacional que se urbaniza – a teoria de referência da disciplina (Rent Theory and the Price of Urban Land – CSD 1985)

(Deter-se no cap. 4)

ESTUDOS URBANÍSTICOS

Nestor Goulart:

Estudos fragmentados sobre a urbanização

- configurações urbanas determinadas no espaço: abordagens sincrônica (equilíbrio);
- abordagem diacrônica (fenômeno de sucessão temporal): a) a partir de aspectos demográficos – a cidade como concentração de indivíduos; b) a partir de modelos envolvendo a dicotomia urbano-rural (fluxos, previsões de prevalência),
- outros: Lampard: a urbanização como a componente organizatória da capacidade de adaptação de uma população.

Estudos com visão de conjunto de aspectos sociais

Corrente sociológica

Max Weber: a comunidade urbana como o fator de urbanização; tipos ideais de cidade; a decadência da cidade.

Crítica:

- a parte (a cidade) é tomada pelo todo (a urbanização);
- o protagonismo da comunidade – com seu séquito de teorizações.

Corrente ecológica

Transfere para o plano das comunidades e de suas relações com o meio as investigações no campo da biologia.

Estudos com visão de conjunto de aspectos espaciais

Racionalismo

Inspiração positivista: arquitetura e urbanismo constituem ciência com três dimensões: econômica, social e espacial. Entendimento da industrialização como reunião das três dimensões, e acompanhamento dos fatos com vistas a sua identificação. Dedução a partir disso da estrutura urbana capaz de atender às condições e fins da sociedade industrial. A necessidade de planos de conjunto.

Carta de Atenas: elementos fixos, vinculações dadas, dimensões ideais, rigidez e estaqueidade das funções.

Empirismo

Posições românticas anti-urbanas. Método indutivo, a partir da experiência concreta, colhida em diversos âmbitos, como ensino, saúde pública, trabalho, quadro urbano congestionado, etc.

Princípios de ação: remodelar bairros residenciais: círculos concêntricos se diluindo no espaço natural, superquadras, cidades com dimensão limitada, etc.

GEOGRAFIA

Antonio Carlos Robert Moraes: Geografia: Pequena História Crítica

Obs.: na geografia a noção 'nacional' está presente desde o século XIX

As transformações do desenvolvimento capitalista na reflexão geográfica

Geografia tradicional

Ratzel (antropogeografia -Alemanha prussiana – segunda metade do séc.XIX – escola determinista da geografia)

O território como condição de existência de uma sociedade: “Quando a sociedade se organiza para defender o território, transforma-se em Estado.” (A unificação alemã com Bismarck, e primeiro estado de bem-estar na confrontação com os socialistas).

Relação entre Estado e espaço; espaço vital – o progresso como justificação de expansionismo (direito à expansão)

[Observação (kk): a transferência para o âmbito social da argumentação de Locke (1690 – 2. Tratado sobre o governo) da justificação da propriedade privada com base no cultivo efetivo, e de sua ampliação conforme progresso na produção. Função social da propriedade.]

Vidal de la Blache (geografia humana francesa)

Relação homem-natureza. Habitat. O 'Possibilismo'.

O espaço nacional em sua diversidade e sua inteireza. A geografia regional (importada por La Blache da geologia) – forma descritiva.

O surgimento de especializações a partir das descrições exaustivas: geografia agrária, geografia industrial, geografia econômica, geografia urbana, etc.

Renovação da geografia

A geografia tradicional em crise porque a realidade mudou. O desenvolvimento do capitalismo acarretava transformações de grande monta ao espaço, e, após a crise de 29, a intervenção estatal se fazia mais e mais presente, não apenas na definição da extensão territorial (guerras de conquista, anexações, lutas de fronteira); mas internamente aos espaços nacionais. O liberalismo econômico enterrado com a crise, a ação intensiva do Estado impõe o planejamento.

Urbanização em escala e ritmo nunca presenciados. Megalópoles. Industrialização e mecanização da agricultura.

Interconexões nacionais: o lugar já não se explica em si mesmo: as decisões deixam de ser locais: defasagem com o instrumental da geografia, que antes trabalhava com as monografias regionais, extraíndo da realidade observada sua própria interpretação.

O fundamento filosófico do pensamento geográfico (baluarte do positivismo clássico) entra em ruína.

Geração de dualidades, por impossibilidade filosófica de interpretação abrangente

- geografia física/ geografia humana
- geografia geral/regional
- geografia sintética/tópica.

(semelhança com as abordagens urbanísticas com foco na sociedade ou no espaço)

A renovação não tem unidade: linhas pragmática e crítica.

Geografia pragmática

Tecnologias de intervenção apoiadas em critérios científicos, mascarando a origem de classe dos mesmos: informações para melhor alocação de recursos, ou para atenuação de conflitos; espaços de fluxos.

Utilitarismo – progresso como justificativa apologética da expansão capitalista. Fragmentação utilitarista: regiões com planos específicos em vista de programas pontuais. (kk: lembra as ações localizadas do neoliberalismo sobre as regiões).

Geografia crítica

Aponta a articulação entre a geografia e as razões de Estado; desmistifica a pseudo-objetividade da ciência. Denuncia a suposta organização harmônica na relação homem-natureza, acobertando as relações entre os homens.

Yves Lacoste apresenta duas geografias, complementares: a geografia do Estado Maior (que atende as razões de Estado), e a geografia dos professores (que, ao mascarar a existência da anterior, garante espaço para o levantamento de dados de forma apolítica). (O bombardeio dos diques de Vietnam.)

A geografia como prática social.

Introdução por Pierre Georges de conceitos marxistas: modo de produção; forças produtivas, relações de produção, ação do capital, etc.

Geogr.crit. tb. Desenvolve estudos temáticos, como sobre cidades, com importante afluxo de trabalhos de não-geógrafos: Henri Lefebvre, filósofo e sociólogo (A produção do espaço e Espaço e Política); Lojkine e Foucault, entre outros.

ARTE (algumas notas) Rosalind Krauss: Art since 1900

Pop-art – o rompimento entre a arte ‘séria’ e o popular, entre o objeto de arte e o objeto de decoração.

Dada: a contraposição de formas populares de lazer e de auto-exibição da alta cultura e o cotidiano. Contra a institucionalização da alta cultura.

O primeiro projeto cultural do pós-guerra voltado à reorganizar as construções coletivas de identidade social, e de relações sociais que já eram mediadas, em escala universal, por objetos de consumo reificados, e denunciavam a forma sistemática de aniquilação das formas convencionais de subjetividade através de uma articulação estética igualmente reificada e internacionalmente disseminada. Propósito: dismantelar todas as tradicionais convenções que ofereciam garantia cultural para a continuidade do projeto burguês. Recuperar a ‘certidão’ de arte conferida pela linguagem.

Erosão de gêneros literários, não como proposta, mas como demonstração da perda de legitimidade ou credibilidade das formas reificadas. Ref.: Dadá. John Cage: New School for Social Research (1957).

Internacional Situacionista (1959)

‘Os urbanistas do século XX deverão construir aventuras. O ato situacionista mais simples consistirá em abolir todos os vestígios do uso do tempo de nossa época. Uma época que viveu, até os dias de hoje, muito abaixo de suas possibilidades.’(IS 3, 1959)

‘Os novos potenciais se dirigem para um conjunto de atividades humanas que estão além da utilidade: o ócio e os jogos superiores. Contra o que pensam os funcionalistas, a cultura começa onde acaba o útil.’ (Primeira proclamação da Seção Holandesa, 1959.)

Movimento Fluxus: aponta para a pobreza da experiência de vida (como já fizera Walter Benjamin (1930): mecanicismo do consumo, e busca uma resposta dialética ao tradicionalismo que engolfou até o pop-art, em seu movimento de esteticização dos objetos. Em atos públicos, buscavam reintegrar o objeto no fluxo de . conscientes. (Andar, percorrer, olhar atentamente, reconhecer, semear, cuidar

Sublimação e dessublimação: a criação de espaços para a subjetividade coletiva fora do âmbito da mercadorização crescente. A busca da marginalidade e da efemeridade, que deviam ser inerentes a essas manifestações fragmentadas, visando a subversão da homogeneidade da cultura do espetáculo. Coletivização da produção artística – abolição do caráter classista da cultura; alteração das formas de distribuição do trabalho, desprofissionalização do artista: busca de transformação da divisão social do trabalho que fez do artista um especialista cognitivo. (Christo, Ligeti, Claes Oldenburg, Nelson Leirner, entre outros.)

Reemergência da tipografia, do desenho, do grafismo: **Warhol** – mass experience com rompimento entre o público e o privado. (Tema de Warhol: o ‘povo americano’ e seus objetos de referência, de culto e de consumo)

Smithson: Earthwork – Spiral Jetty: hoje coberto pelas águas do Great Salt Lake de Utah.

Matta-Clark – arquitetura; (entropia - como tudo tende a ela, não é arbitrária).

Arte povera

ANTECEDENTES

DA ESCOLA DE SOCIOLOGIA FRANCESA

Christian Topalov

Pensamento: “a crise de uma burocracia no poder”

(Volta ao artigo citado no início, publicado em Espaço e Debates, escrito por Topalov para um Seminário: La investigacion urbana em America Latina: caminos recorridos y por recorrer. Centro de Investigaciones CIUDAD, Quito, Equador, Setembro de 1987)

Foi uma experiência particular da França – talvez partilhada por outros países industrializados, mas diferente da experiência latino-americana.

O balanço possível porque o movimento se esgotou. Seu objeto se dissipou, as instituições não mais existem, e os conceitos se esfacelaram.

Welfare state ruiu. Os conceitos como pobreza urbana, movimentos sociais urbanos não existem mais. As demandas não têm respaldo público. Os modelos teóricos foram abalados. A sociologia urbana – já questionada à época (seria a sociologia feita no espaço urbano) não tem os mesmos objetos. As grandes linhas interpretativas das décadas de 60 e 70 foram substituídas pela micro-história, e o retorno do positivismo.

Obs.: paralelo bonito com o livro de Emilia Viotti: *Dialética negativa*, que acusa uma pendularidade e não transformação das posições então presentes na historiografia, e as miríades de micro-histórias. (Mote: “Em 68 se quis reformar o mundo. Em 86 se quer reformar a cozinha”.)

Gênese

França de de Gaulle, no pós-guerra: desenvolvimento urbano acelerado. Controle pelo poder central, em detrimento das forças políticas dispersas (Simenon e os potentados locais; tb.o nosso coronelismo.)

O Estado refletido pelos pesquisadores do Estado; incumbência dos sociólogos: gerar instrumentos para as políticas públicas. Ou seja: o campo da pesquisa estava estruturado por uma definição estatal dos problemas. A definição dos campos científicos da área nasceram da gestão social pelos poderes estabelecidos.

A indagação dos sociólogos: que problemas? E a resposta como uma análise crítica das próprias políticas.

O ambiente construído passa por mudanças radicais, desmanchando estabilidades e valores. (A França se assemelha à da Inglaterra dos anos 20, ou dos EEUU dos anos 30: Vinhas da Ira, Ratos e homens, representações do Sonho americano de propriedade, desmanchado pelo processo de apropriação pelo grande capital.)

Indústrias em expansão, boom imobiliário. A solicitação governamental é para orientar os órgãos de planejamento. A universidade aceita, embora resistente. Inicia-se a pesquisa de sociologia urbana com meio século de atraso em relação aos EEUU, e evidentemente com referencial inspirado na sociologia pragmática americana.

Temática econômica

Urbanização acelerada sem controle: é preciso perverso, e modelizar o processo: modelos econométricos de crescimento urbano. (Conceitos, métodos, programas de informática americanos). Pesquisas sobre mercado do solo urbano. A

Temática sociológica: as famílias no ambiente urbano: organização, questões de adaptação, forma urbana e tensões sociais – o planejador deveria ser capaz de minimizar isso.

Temática reflexiva

Identificar os obstáculos a uma melhoria dos instrumentos de planificação. Também: formas de superação dos obstáculos locais à racionalidade tecnocrática.

É da visão crítica em relação a esse conjunto de questões que emerge a Escola de Sociologia, apoiada simultaneamente no vigoroso crescimento do capital, na distensão Leste- Oeste, retomada dos movimentos operários, no revigoramento de organizações políticas de esquerda. Renascimento do marxismo ocidental.

o